



## XXXV SALÃO de INICIAÇÃO CIENTÍFICA

6 a 10 de novembro

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Evento</b>     | Salão UFRGS 2023: SIC - XXXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS |
| <b>Ano</b>        | 2023  |
| <b>Local</b>      | Campus Centro - UFRGS   |
| <b>Título</b>     | O céu de cada povo, apagamento e liberdade no pampa                 |
| <b>Autor</b>      | NIDIANE SALDANHA PERDOMO  |
| <b>Orientador</b> | ANA LUCIA LIBERATO TETTAMANZY                                       |

O apagamento e etnocídio (Angatu, 2019) a que foram submetidos os povos indígenas do pampa gaúcho é a causa da inexistência atual de coletivos Charrua ou Minuano que conheçam a língua e cultura de seus ancestrais naquela região. O branqueamento implementado em sucessivas violências desde a divisão do território entre Portugal e Espanha (Santos, 2018), impediu o legado da sabedoria ancestral. Com bases instáveis em lacunas de informação, histórias de raptos e silêncios estratégicos (Bracco, 2020) a população constituiu-se na aceitação de uma identidade pretensamente branca, cultuando tradições expropriadas, negando a memória do seu passado indígena. A folclorização do modo de estar na paisagem pampeana capitalizou e desconfigurou o indígena, batizado como gaúcho: cidadão pobre que detinha saberes sobre uma terra alheia. As mulheres indígenas sofreram uma violência duplicada, já que seus corpos, assim como a terra, eram riquezas a serem conquistadas e dominadas pelos colonizadores (Segato, 2018). Apesar da prevalência das epistemologias coloniais, a cultura desses povos pode ser recuperada em narrativas e saberes desenvolvidos em decorrência das características geográficas e da vida nômade e livre dos indígenas pampeanos. A etnoastronomia estuda a relação dos povos com o céu e como suas narrativas revelam o conhecimento das constelações empregado durante seus deslocamentos. O que esses povos viam no céu representava o que havia sobre a terra, (Afonso, 2006) como no caso dos relatos da “*caza ao ñandu*”, do “*ñayic*” (camino) e do “*Camino Lactea*” formado pelos claros e escuros da via láctea vistos das planícies meridionais pelo povo *Moqoit* da Argentina. (Gimenez *et al.*, 2002), (López, 2018). O ñandu, ou *rhea americana*, perdeu espaço nos campos como “espécie etnobiológica clave” (Rosso e Medrano, 2016) para o cavalo, elemento estrangeiro que compõe o “centauro da pampa” (Zalla, 2010), símbolo da cultura enxertada do gaúcho reduzido ao mundo do trabalho.